

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SURDA

STORYTELLING IN LIBRAS IN THE PROCESS OF CONSTRUCTING THE
IDENTITY OF DEAF CHILDREN

CUENTACUENTOS EN LIBRAS EN EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE
LA IDENTIDAD DE LOS NIÑOS SORDOS

Lidiane Sacramento Soares <https://orcid.org/0000-0002-7623-9902>

Emanoel Nogueira Ramos <https://orcid.org/0000-0003-2426-2374>

Carla Meira Pires Carvalho <https://orcid.org/0000-0002-7638-9302>

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de ressaltar a importância da contação de histórias a partir da Língua Brasileira de Sinais para o processo de construção da identidade das crianças surdas. É possível perceber as dificuldades que a criança surda tem na compreensão de contos infantis quando a língua em destaque não é a língua de sinais, portanto, faz-se necessário a estimulação acerca da literatura no ambiente educacional para aquisição do conhecimento. O objetivo é auxiliar o entendimento do contexto literário a partir da proposta de ensino bilíngue para surdos. Assim, foi realizado esse ensaio com revisita a autores que conhecem a cultura surda e defendem os contos literários em Libras voltados para o público surdo infantil. Através deste trabalho, percebeu-se que o acervo ainda é muito escasso, tendo em vista a confecção de materiais que ainda estão limitados à língua oral, tornando o acesso ao público surdo cada vez mais raro. Diante disso, nota-se que o processo de construção da identidade da criança surda acaba sendo comprometido, uma vez que são poucas as adaptações e produções que respeitem as necessidades linguísticas e culturais do sujeito surdo.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Criança surda. Libras. Contação de Histórias.

ABSTRACT

The present work aims to highlight the importance of telling stories using Brazilian Sign Language for the process of building the identity of deaf children. It is possible to perceive the difficulties that deaf children have in understanding children's stories when the language highlighted is not sign language, therefore, it is necessary to stimulate literature in the educational environment to acquire knowledge. The objective is to help understand the literary context based on the bilingual teaching proposal for the deaf. Thus, this essay was conducted with a revisit to authors who know deaf culture and defend literary stories in Libras aimed at deaf children. Through this work, it was realized that the collection is still very scarce, considering the production of materials that are still limited to oral language, making access to the deaf public increasingly rare. In view of this, it is noted that the process of constructing the deaf child's identity ends up being compromised, since there are few adaptations and productions that respect the linguistic and cultural needs of the deaf subject.

Keywords: Literature. Identity. Deaf child. Pounds. Storytelling.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo resaltar la importancia de contar historias utilizando la Lengua de Señas Brasileña para el proceso de construcción de la identidad de los niños sordos. Es posible percibir las dificultades que tienen los niños sordos para comprender cuentos infantiles cuando el idioma resaltado no es la lengua de señas, por ello, es necesario estimular la literatura en el ámbito educativo para adquirir conocimientos. El objetivo es ayudar a comprender el

contexto literario a partir de la propuesta de enseñanza bilingüe para personas sordas. Así, este ensayo se realizó con una revisita a autores que conocen la cultura sorda y defienden cuentos literarios en Libras dirigidos a niños sordos. A través de este trabajo, se dio cuenta de que el acervo es aún muy escaso, considerando la producción de materiales que aún se limitan al lenguaje oral, haciendo que el acceso al público sordo sea cada vez más raro. Ante esto, se observa que el proceso de construcción de la identidad del niño sordo termina comprometiéndose, ya que existen pocas adaptaciones y producciones que respeten las necesidades lingüísticas y culturales del sujeto sordo.

Palabras clave: Literatura. Identidad. Niño sordo. Libras. Narración de historias.

INTRODUÇÃO

Conforme pesquisa realizada em base de dados de repositórios acadêmicos, existe uma quantidade mínima de produção escrita no contexto da literatura infantil para crianças surdas. Pensando na perspectiva do processo da construção da identidade surda, foi possível observar que sem a inserção da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, como ferramenta primordial da comunicação e da contação de histórias, torna-se inviável à compreensão e ao empoderamento cultural da comunidade surda³.

Entende-se que a identidade surda deve ser trabalhada desde a educação infantil para que a aquisição da língua seja assimilada de maneira natural. Quando as informações são transmitidas de forma audível ou escritas no português, a criança surda é prejudicada, pois ela depende da visualidade e da língua de sinais para constituir a linguagem. É primordial a referência visual, tendo em vista a autonomia para conseguir aprender os signos linguísticos.

Acerca da Literatura Surda, Strobel (2008, p. 61) conceitua que: “são transmitidas lembranças vividas por povos Surdos em diferentes épocas, sendo que ela se apresenta em variados tipos de literatura como poesias, história de Surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, romances, lendas e outras manifestações culturais”. Assim, também, podemos dizer que a literatura infantil, além dos contos ora conhecidos, também perpassa todos os gêneros literários.

O intuito do trabalho proposto é gerar reflexão acerca da importância da construção da identidade da criança surda, utilizando o recurso da literatura infantil e todas as características inerentes à língua, pois a necessidade da utilização dessa na prática das histórias infantis torna-se urgente, já que as

³ Comunidade surda, segundo Strobel (2009), é composta por surdos e ouvintes militantes da causa surda

crianças surdas precisam interagir por meio de sua língua natural para serem incluídas nos diversos espaços sociais e compreender o contexto daquilo que é transmitido.

A comunicação é o meio pelo qual a sociedade se relaciona entre si e nesse contexto a comunidade surda também deve ser inserida, por isso, entendemos que a Literatura Surda por meio de contação de histórias em Libras contribuirá tanto para que a criança surda aprenda sua língua, sua cultura, quanto para que ela se constitua e se reconheça como surda. Ao falar em se constituir como sujeito surdo, ressaltamos a ideia de identidade cultural da pessoa surda, que ao passar a conhecer a história do povo surdo e ser usuária da Libras, considera-se que essas são características de uma pessoa que tem identidade surda.

Sabemos que são poucas histórias traduzidas ou produzidas em língua de sinais aqui no Brasil, o que dificulta o processo de difusão da Libras e ao mesmo tempo da possibilidade de construção da identidade das pessoas surdas, por não conhecerem as histórias produzidas ou adaptadas para a sua cultura. Dentro desse contexto, Morgado (2011, p. 162) afirma que “é considerado grave que as crianças surdas não tenham acesso natural às histórias, o que é passível de lhes causar déficits nos níveis cognitivo, linguístico e emocional, perturbando as questões da sua identidade”.

Neste trabalho, apresento a proposta bilíngue, dando prioridade à pessoa surda como contador de histórias em Libras, pois entendo que ao expor a literatura por meio de surdos fluentes em Libras, eles naturalmente conseguem transmitir a identidade surda através das informações, com as características próprias da língua. A visualidade é bastante explorada, já que habitualmente os classificadores em libras (CL)⁴ estão vivos na comunicação voltada para os contos literários. Vale salientar que:

Na morfologia das línguas de sinais, os CLs fazem parte do núcleo lexical (Quadros; Karnopp, 2004) dessas línguas. Eles são responsáveis pela formação da maioria dos sinais já existentes, assim como pela criação de novos sinais. Os CLs, por serem na maioria das vezes icônicos, lembram de alguma forma, alguns gestos que acompanham a fala. Por esse motivo,

⁴ Os classificadores são expressões da forma de um objeto, alguém ou alguma coisa. São representados em formas de configuração das mãos, que mostra ou descreve uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto.

também são muitas vezes confundidos com estes, embora tenham características distintas e regras de formação bem claras (Bernardino, 2012, p. 252).

As expressões faciais também são elementos da gramática da língua de sinais que dão vivacidade às informações; os sinais são muito bem alocados e as movimentações são de fato bem definidas, ou seja, a Libras consegue interagir com o conhecimento exposto à criança surda, trazendo realmente o sentido daquilo que se quer expressar.

Diante do exposto, o artigo apresentado está estruturado de modo a esclarecer a relevância da inclusão da criança surda no contexto educacional, sua interação social com o meio e o artifício da literatura infantil em Libras como forma de trazer empoderamento à identidade surda e entendimento acerca da sua própria cultura dentro dos contextos literários.

DIÁLOGO COM PESQUISADORES

Para fundamentar essa pesquisa, busquei respaldo em autores como Botelho (2005) que estuda sobre linguagem e letramento na educação de surdos, já para abordar mais especificamente sobre a Literatura Surda, dialoguei com Karnopp (2006), que desenvolve vários trabalhos acerca dessa temática; Cosson (2014) que aborda o conceito de letramento literário; Hall (2005) que estuda as identidades culturais e Oliveira (2013; 2016) que discute o letramento e a constituição do sujeito leitor.

Botelho (2005) afirma que a leitura é base para uma educação bilíngue e que a prática de leitura é fundamental para constituir surdos competentes no ato de ler e escrever. Além disso, ela apresenta várias estratégias de ensino que podem ser trabalhadas com os estudantes surdos com o objetivo de letrar na educação bilíngue e a contação de histórias é uma delas. Tanto os jogos e brincadeiras, quanto as narrativas de histórias intermediadas por adultos surdos competentes em Libras, são consideradas situações significativas para o aprendizado da Libras como primeira língua (L1) às pessoas surdas (Botelho, 2005, p. 112). Acerca de contação de histórias para surdos, podemos dialogar com Alves e Karnopp (2002, p. 71):

Contar história é um hábito que pertence a todas as comunidades: indígenas, de ouvintes, de surdos, entre outras. [...] Contar histórias, piadas, episódios em língua de sinais pelos próprios surdos em sua comunidade é um hábito que acompanha a história dessa comunidade.

Nesse sentido, concordo com as autoras, pois assim como os ouvintes têm direito de ouvir contações de histórias, os surdos também podem ser receptores de contações de histórias sinalizadas em Libras, permitindo que haja o letramento também desses sujeitos a partir dos contos.

A literatura surda é definida por Karnopp (2006, p. 102) como: “a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta...”. Esta é vista por uma premissa de alcançabilidade para o sujeito surdo, sobretudo a criança surda, tornando-se eficaz quando aliada a elementos que tornem o contexto mais claro. Dessa forma, Silva (2017, p. 4), concordando com Azevedo e Sardinha (2006 Apud Morgado, 2011), defende que “ao compartilhar com uma criança a literatura, você deixará que ela tenha chance de reconhecer e entender o mundo que a cerca, ampliando seu conhecimento, seus aprendizados linguísticos e culturais”

Quando existe a possibilidade de elaboração de materiais em Libras que explorem as histórias infantis, é de suma importância que estes sejam registrados em vídeos para que a criança surda tenha acesso todas as vezes que for preciso, pois a assimilação acontece também nas repetições. A plataforma on-line YouTube é um exemplo que possibilita às crianças surdas terem acesso às diversas histórias contadas em Libras, além de conhecer fábulas, poesias e outros gêneros literários, através da sua língua materna que tem sido divulgada em várias plataformas virtuais.

Entende-se que na contação de histórias realizada por um ouvinte, haverá uma identidade marcada pela cultura natural ouvintista, já que o entendimento acontece de forma diferenciada do sentido do texto compreendido por um surdo. Todavia, no tocante a uma história contada por um surdo, ele irá acrescentar detalhes que deem maior sentido ao texto, manterá algumas partes e desconsiderará outras e dessa forma o texto será transformado, pois haverá uma adaptação voltada para a cultura surda, mas sem perder a semântica original da história. Silva (2017), concorda com Morgado (2011), e afirma que:

O ideal é que o educador que irá contar a história para a criança também seja surdo, por apresentar as seguintes características: ter uma referência de mundo visual, ter uma identidade surda e apresentar a Língua de Sinais, como sua primeira língua. O importante é que as histórias sejam oferecidas nessa língua, para as crianças surdas mesmo que ainda não dominem a habilidade da leitura (Silva, 2017, p. 5).

Por isso, quando o sujeito surdo está em ação fazendo o papel de educador, ele utilizará os artifícios que encantem a criança, trabalhando no momento da atuação, a descrição dos personagens, dos cenários, incluindo adjetivos para auxiliar na imagem e referência visual, além de fazer as expressões não-manuais de forma natural por ser surdo fluente.

Nesse sentido, vale ressaltar que para a contação de histórias em Libras fazer sentido para o receptor surdo, é necessário o uso de expressões não-manuais implícitas aos sinais, pois, segundo Silva (2011, p. 9), as expressões faciais são os “movimentos da face, da cabeça e dos olhos que são realizados no momento da articulação do sinal”, sendo eles de suma importância para o desenvolvimento da comunicação. Como parte da gramática da Libras, é importante enfatizar o uso desse idioma pela comunidade surda sinalizante, visto que é por meio da língua de sinais que as pessoas surdas podem expressar suas ideias, desde as mais simples até as mais complexas e abstratas (Quadros, 1997).

Infelizmente poucos intérpretes conhecem as várias estratégias utilizadas por surdos fluentes em Libras e contadores de histórias, por isso, no momento da contação transmitem uma mensagem seca, sem emoção. Entende-se que, mostrar apenas figuras na explanação da história, não gera identidade imagética, pois deve estar associada aos cinco parâmetros da Língua Brasileira de Sinais. De acordo com Kelman e Branco (2003 Apud Silva, 2017, p. 7),

a contação de histórias para as crianças estimula diversos aprendizados, como por exemplo, a definição sobre o mundo que a cerca, sobre os outros e sobre si própria, além de envolvê-la e interessá-la. A utilização de narrativas em sala de aula auxilia no desenvolvimento da expressão e da produção linguística da criança.

Alguns recursos visuais que podem ser utilizados: “[...] filmes, fitas de vídeo, o uso da língua de sinais, da mímica, da dramatização, de expressões faciais e corporais, de gestos naturais e espontâneos que ajudam a dar

significado ao que está sendo estudado” (Brasil, 2006, p. 49). Por meio deles, é possível realizar um bom trabalho a fim de contribuir com a aquisição linguística da criança surda. Assim, pode-se observar que a tecnologia assistiva também é uma forte aliada para essas produções, já que auxiliam na expressividade da literatura.

Um modo de se trabalhar a contação de histórias em Libras em salas para crianças surdas, pode ser apresentado por Albres (2010, p.135):

O professor poderá contar a história na sala de aula (espaço do tapete), no pátio, no jardim à sombra de uma árvore ou com as crianças sentadas na escada. Quanto à disposição do grupo, as crianças deverão ficar de frente para o professor. A posição de semicírculo é ótima, de modo que elas veem o livro ou o material que está sendo usado, o professor dramatizando e sinalizando a história [...].

Em concordância com o autor, é fundamental que o professor conte histórias em um local apropriado e com estruturas propícias a receber a atenção e conseqüentemente contribuir para o entendimento e aprendizado da criança surda.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

[...] se faz necessário sabermos um pouco sobre a história dos Surdos, uma vez que ela vem sendo passada através da literatura por estudiosos. Os pais contavam histórias aos seus filhos surdos através da fala e estes por sua vez as transmitiam através dos sinais. O autor destaca que embora os Surdos contassem suas histórias nas comunidades às quais pertenciam, ainda existem poucas pesquisas sobre a literatura surda (Silva, 2017, p. 1).

Infere-se, portanto, que o acervo de materiais literários traduzidos para a língua de sinais ainda é muito escasso, pois a maior parte desses registros está voltada para a língua oral auditiva, tornando o acesso ao público surdo cada vez mais raro. Ainda ressalta-se que para um melhor entendimento da criança surda acerca da literatura, é preferível ser contada por surdos fluentes em Libras, por uma questão de identidade marcante que auxiliará no processo de aquisição da língua e no conhecimento acerca da cultura surda.

Muitos surdos, por conviverem muito com pessoas ouvintes, acabam tendo crise de identidade e aceitam alguns estereótipos construídos pela sociedade colonialista, por exemplo, de que são deficientes, são surdos-mudos,

são inferiores aos ouvintes, são incapazes, falam através de mímicas, entre outras ideias.

Do ponto de vista socioantropológico, a pessoa surda passa por uma questão de identidade cultural e se reconhece como um ser capaz e que possui o direito de igualdade de oportunidades dos ouvintes, mas é necessário o constante contato com a comunidade surda para conhecer as histórias do seu povo, aprender a sua língua e adquirir a cultura surda. Nesse sentido, acredito que por meio da contação de histórias em Libras, histórias sobre o seu povo e a sua cultura, os surdos podem construir memórias ancestrais e conseqüentemente construir a sua própria identidade de pessoa surda, de um ser capaz e que faz uso de uma língua de modalidade visual espacial e possui uma cultura visual.

Para alguns surdos, é difícil aceitar a sua condição de ser surdo. Normalmente essa dificuldade surge quando há a crise de identidade. Nesse sentido, assim como os indígenas, as pessoas surdas até os dias atuais, precisam aprender a “conviver com o que a civilização ocidental tem de pior, que é ignorar quem traz em si o diferente” (Munduruku, 2009, p. 13). A partir desse pensamento, podemos perceber que todas as pessoas que apresentam características que fogem ao padrão imposto pela sociedade, sofrem discriminação e preconceito, seja por raça, cor, gênero ou condição física ou sensorial como é o caso das pessoas surdas.

A arte de contar histórias é algo subjetivo, em que quem conta, precisa ter identificação com a história a ser contada, além de identificar os arquétipos que regem as histórias, que são ideias, sentimentos ou sensações que compartilhamos como humanidade. Nesse sentido, “contar histórias implica numa complexidade de emoções que fazem aflorar arquétipos e produzem, se permanecemos atentos, uma plena identificação com o que se conta” (Silva, 1998, p. 31). Por isso, é fundamental o processo de escolha da história que se pretende contar.

Segundo Silva (1998, p. 34), o contador de histórias precisa levar em consideração alguns fatores no momento da sua escolha: “Variam as circunstâncias, interesses, preferências dos ouvintes, o gosto, o estilo do contador. Não se pode correr o risco de improvisar, arriscando-se ao insucesso”.

Para o contador de histórias fluente em Libras, o processo de escolha da história a ser narrada deve ser o mesmo, levando em consideração os interesses e preferências dos surdos, receptores da história.

Silva (1998, p. 34) afirma que após ser feita a escolha da história a ser contada, é fundamental analisar a sua estrutura básica com o objetivo de aprendê-la, ter segurança acerca da sequência da história para conseguir narrar com naturalidade. No caso do narrador fluente em Libras, seja surdo ou ouvinte, ao contar a história escolhida é necessário fazer o uso de classificadores e de expressões não-manuais (faciais e corporais), pois através do uso desses elementos gramaticais da Libras, torna-se possível incorporar os personagens e encantar, conduzindo o encantamento.

A contação de histórias em Libras pode ser utilizada como estratégia para o ensino da língua portuguesa como segunda língua (L2) em sua modalidade escrita para os estudantes surdos, nesse sentido, a partir da escolha da história e do contexto vivido pelo educando surdo, torna-se viável o incentivo à leitura do conto, ainda que não conheça muitas palavras, afinal, a prática de ler é que aperfeiçoa o nível de leitura, tornando-o um sujeito-leitor. Nesse sentido, o “sujeito-leitor é, também, sujeito produtor de conhecimento e de ideias sobre leituras. Precisa ser considerado em seu contexto e de ser pensado em suas condições de produção” (Oliveira, 2013, p. 3). Nesse viés, através da contação de histórias em Libras, o surdo pode aprender a ler o mundo e a sua cultura, além de interagir e de se reconhecer em várias histórias, se constituindo um “sujeito leitor, enquanto “sujeito do desejo da leitura” (Oliveira, 2016, p. 182).

[...] o letramento é considerado como da ordem da necessidade e o enleituramento, da ordem do desejo, do envolvimento, da constituição mesmo do sujeito leitor em seu processo de ser no mundo e com o mundo. Assim, o contato com a segunda língua será mais um mergulho na cultura que a ampara e promove, cultura que é promovida e amparada pela língua que um aprendizado de palavras e regras gramaticais que redundam em tradução e não em interculturalidade [...].

O Português escrito é a segunda língua para os surdos, nesse sentido, a partir da contação de histórias em Libras, o sujeito surdo pode despertar o interesse em ler histórias da Literatura, dentre elas, da própria literatura surda, possibilitando aprender mais sobre a sua história, a sua cultura e também sobre

a cultura ouvinte, a partir do aprendizado de palavras e regras gramaticais próprias da língua portuguesa, sendo possível aprender a partir de comparações das estruturas frasais em Português e em Libras, enfatizando suas diferenças, mantendo “uma discussão constante sobre a língua de contato e a língua materna, considerando as diferenças entre língua materna e língua padrão ou de prestígio” (Oliveira, 2016, p. 186-187).

Segundo Hall (2005, p. 8), as identidades culturais apresentam diversas características que surgem de nosso “pertencimento” a diferentes culturas, dentre elas, a cultura linguística que é o caso das pessoas surdas que fazem uso da língua de sinais. Os surdos que frequentam a comunidade surda e têm contato frequente com outros surdos, sentem-se pertencentes a uma determinada cultura surda.

Vale salientar que não existe apenas uma cultura surda, pois entende-se que apesar dos sujeitos surdos terem características em comum, todos eles são diferentes entre si, podem ter costumes distintos, modo de se comunicar diferente, dentre outros fatores. Nesse sentido, podemos dizer que cada sujeito possui uma identidade própria e que segundo Hall (2005, p. 12-13) não é fixa, nem tão pouco permanente, ao contrário, ela é mutável conforme os sistemas culturais que estamos inseridos, logo, existem várias comunidades surdas e conseqüentemente culturas surdas.

Hall (2005, p. 13) afirma que a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente”, logo, a pessoa surda constrói a sua identidade a partir da sua cultura, do meio em que está inserida, da língua que é usuária e dos costumes que se tem. Vale dizer que: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (Hall, 2005, p. 13). A partir dessa afirmação, é possível refletir que o sujeito surdo pode ter diferentes identidades e que elas podem ser passíveis de mudança conforme os momentos e relações entre as pessoas que interagem com ele.

As pessoas surdas possuem muitos aspectos em comum, que vão além do fato biológico de ter um déficit na audição. Possuem semelhanças nas experiências sociais vividas, devido as suas particularidades, no entanto, cada sujeito surdo tem uma perspectiva acerca da surdez e o modo como cada um

reage diante das situações cotidianas é que os tornam diferentes e aprender sobre essa diversidade de posturas nos permite compreender que na realidade da surdez, existem identidades heterogêneas.

Aqui no Brasil, a pesquisa sobre identidade surda começou com Perlin (1998), ela era ouvinte e depois foi perdendo a audição, ficando surda. Já realizou uma pesquisa antropológica, apresentando os diferentes tipos de identidade surda. Após Perlin, surge mais uma pesquisadora no assunto, Strobel (2008), ela é surda e apresentou a sua percepção sobre identidade surda.

Perlin (1998) e Strobel (2008) compreendem que cada sujeito surdo constrói a sua identidade a partir da sua vivência, sua história de vida, logo, é passível de mudanças, conforme a afirmação a seguir: “As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito” (Perlin, 2004, p. 77).

LETRAMENTO LITERÁRIO NA ERA DA CIBERCULTURA

Atualmente, a tecnologia conquistou um espaço importante na vida de todos, através de tablets, laptops, desktops e outros dispositivos eletrônicos, em todas as casas ele acabou agregando ao livro físico. Estamos na era digital, então a forma como o texto é produzido e chega às nossas mãos não é mais como antigamente, no tempo de nossos pais. Os livros impressos deixaram de ser a única opção de leitura e escrita, os computadores são uma alternativa, por isso estamos passando por mudanças no suporte à leitura e escrita.

Cosson (2010) passou a empregar o termo letramento literário aludindo às práticas de leitura do texto literário. A mudança levantou preocupações sobre como poderia se sentir, fragmentação, desconforto e abandono da leitura pela abundância fornecida, que acabou funcionando em um caminho diferente do que era exigido no início. No entanto, é preciso lembrar que o progresso tecnológico é a verdadeira mudança à forma de construção do conhecimento, claro, não é retroativa, ao contrário, é progressiva, trazendo-nos novas tecnologias e acelerando a disseminação em formação. A referida disseminação é o resultado para oferecer múltiplas possibilidades ao ler os links na página, é possível encontrar o desenvolvimento da página, a partir de um projeto que enfatiza a

leitura do texto literário.

A partir da leitura de um texto literário, ou ainda a partir da contação de histórias, torna-se possível construir memórias e reafirmar identidades. “A tradição é mais que a rememoração do passado; é uma prática cotidiana. Assim se constrói a memória e se reafirmam identidades” (Costa, 2015, p. 35).

Segundo Costa (2015, p. 29), na era da cibercultura, podemos perceber que o papel social das narrativas se mantém, no entanto, se adequam ao novo contexto. Além disso, segundo esse autor, com as ferramentas da antropologia, da sociologia e dos estudos culturais, podemos trazer para o mundo acadêmico, ainda tão resistente, produções riquíssimas de comunidades postas à margem da cultura hegemônica, como é o caso da comunidade surda, pois, a partir de vários canais do YouTube, foi possível publicar e divulgar várias produções de contos narrativos em Libras ou ainda bilíngue, ganhando visibilidade e resistindo às práticas colonialistas que tentam apagar as comunidades marginalizadas.

Os contos são atualizados e passam a apontar “para o discurso de aceitação e convivência com as diferenças, o que provoca problemas nos valores tradicionais e conservadores” (Costa, 2015, p. 37), visto que o colonialismo e a ideia da homogeneidade ainda estão presentes em nossa sociedade, de modo que se considera fora do padrão, todos aqueles que sejam diferentes.

Segundo Costa (2015), a arte de narrar é contemporânea e viva. As formas mudam, mas o homem ainda preza no seu dia a dia por uma boa história. É aí que ele se reconhece, logo, constrói as suas memórias e sua identidade cultural.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada se deu por meio de pesquisa qualitativa e bibliográfica, respaldada por autores que conhecem a cultura surda e defendem os contos literários em Libras voltados para o público surdo infantil. A técnica utilizada se deu por coleta de dados, na qual foi observado um vídeo contendo a história que tem como título: “Patinho Surdo”, o qual trata de uma Literatura que foi adaptada. Diante disso, foi possível perceber como as informações são remetidas pelo sujeito surdo e a forma como podem ser absorvidas pela criança

surda, pois, entendo que há uma potencialidade no modo transmitido, tendo em vista o uso de classificadores utilizados e as escolhas lexicais assertivas.

O modo peculiar nas quais os surdos fluentes contam as histórias, denota uma clareza no entendimento, visto que eles se fazem valer de todas as estratégias possíveis para alcançar o entendimento da criança surda, seja através dos classificadores que enriquecem a interpretação, seja através dos sinais que mostram a exatidão do sentido para o contexto, além das expressões faciais e corporais que trazem toda vivacidade das histórias.

Conforme Azevedo e Sardinha (2006) apud Morgado (2011), há diferença na contação de história feita através de uma pessoa ouvinte e uma pessoa surda, já que o sujeito surdo é um referencial, pois traz consigo a marca da identidade surda e todas as suas peculiaridades, sendo assim, a criança consegue se apropriar da língua com mais naturalidade

O material utilizado para a presente pesquisa, foi pautado na observação do vídeo elaborado por um surdo fluente na língua de sinais contendo uma história infantil denominada “Patinho Surdo”. Ao assistir o vídeo, foi observado todo conjunto de escolhas lexicais, bem como a transposição de uma cultura para outra no quesito que se refere a língua, ou seja, a história que analisei foi um conto clássico, conhecido na comunidade ouvinte, mas que foi adaptado para a comunidade surda. Logo, foi uma história adaptada para realidade contextual das crianças surdas de modo a tornar o contexto mais claro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o tema abordado, evidenciou-se que a inserção da Língua Brasileira de Sinais - Libras no contexto literário infantil na educação da criança surda como cooperação para aprendizagem é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo.

Ressalta-se que, de acordo com o vídeo analisado, quando o surdo está em contato com os seus pares, ele consegue assimilar e compreender melhor as informações, pois existe uma forte influência da cultura surda.

Sendo assim, Morgado (2011), descreve que as histórias trazem consigo uma carga cultural, que auxiliam tanto na transmissão de uma herança como

também de uma identidade cultural, através de diversas gerações, por esse motivo a criança surda necessita ser inserida em um ambiente que lhe proporcione o máximo de contato com a cultura surda, através da língua visogestual e do contato com diversas pessoas surdas. Concordo com Rosa e Klein (2011), quando afirmam que:

A Literatura Surda propicia aos Surdos conhecerem mais sobre a sua cultura e sua língua, uma vez que muitos não têm conhecimento sobre a mesma. Essas literaturas são indicadas para as crianças, pois são uma forma de esclarecer e as ingressar na sua cultura, aprendendo esta língua que a ajudará a construir sua identidade. Estas histórias que apresentam a cultura surda também são importantes, pois muitas pessoas surdas não conhecem essa língua.

Nesse sentido, é crucial que mais surdos sejam capacitados para tornarem-se contadores de histórias, pois essa prática influenciará na construção da identidade surda. Logo, o vídeo produzido pelo surdo acerca da história do Patinho Surdo, trouxe acessibilidade às crianças surdas e a oportunidade de conhecimento da sua língua, sua cultura e possivelmente da constituição da sua identidade como pessoa Surda.



Figura 1: Capa do vídeo Libras no Youtube

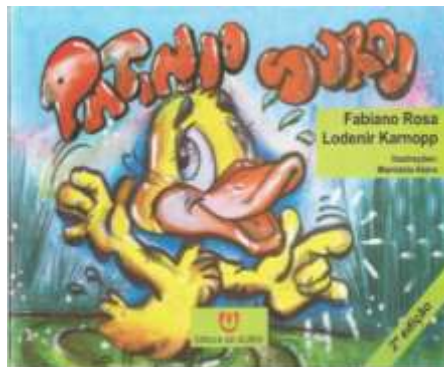


Figura 2: Capa do conto literário adaptado

Dessa forma, corroborando com os autores apresentados ao longo deste trabalho, entendo que há necessidade de mais investimentos nas produções literárias para que haja mais alcance de crianças surdas e, assim, elas possam experimentar e vivenciar tudo aquilo que a literatura infantil pode proporcionar, dando a elas a oportunidade de aprender as histórias infantis da mesma forma que uma criança ouvinte aprende, porém, dentro do contexto linguístico da Língua Brasileira de Sinais.

CONCLUSÃO

Entende-se que a acessibilidade perpassa todos os campos sociais, principalmente o educacional, pois é este que possibilita a aquisição do conhecimento. Pensando nisso, é imprescindível a inserção da criança surda no contexto literário, porém, sem a Língua Brasileira de Sinais, as barreiras linguísticas tornar-se-ão intransponíveis.

Acredito que por meio da contação de histórias em Libras, a criança pode ser alfabetizada e letrada, desenvolver a aquisição da linguagem e da língua, além de ser estimulada ao desejo da leitura e escrita, visto que ao serem receptores de histórias próprias ou adaptadas a sua cultura, pressupõe que haja o interesse em fazer a leitura dos livros que têm esses contos.

Conforme já supracitado, os materiais e as produções da literatura infantil precisam ser registradas em vídeo para que haja a oportunidade de ver e rever todo conteúdo para melhor fixação das informações, pois, a Libras, por ser uma língua visual, o surdo precisa rever a história sempre que necessário.

Logo, percebo que as histórias contadas por um surdo fluente na Libras tornam-se mais impactante para a criança surda, pois a percepção dos sinais e dos classificadores dão vida aos personagens e contribui para a construção da identidade surda. Quando uma criança surda consegue absorver as informações através da língua sinalizada, ela adquire segurança e consegue produzir e compartilhar o conhecimento entres seus pares, o que acaba fortalecendo a cultura surda e sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. **Surdos e inclusão educacional**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

ALVES, A. C. C.; KARNOPP, L. B. **O surdo como contador de histórias**. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TASKE, O. (Orgs.) *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BERNARDINO, E L A. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ideologia**

e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão (educação infantil):** dificuldades de comunicação e sinalização - surdez. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. Ed. Contexto, 2010

COSTA, E S. **O contador de histórias tradicionais:** velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fábio H. N.; MORAES, Taiza. M. R. (orgs.). *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 29-38.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade.** Trad Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda.** Educação e Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, jun. 2006, p.98- 108.

MORGADO, M. **Literatura em Línguas Gestuais.** In: KARNOPP, L.B.; KLEIN. M.; LAZZARIN. M.L. L.(org.). *Cultura Surda na Contemporaneidade e Negociações, Intercorrências e Provocações*. Canoas: Ulbra, 2011, p.151-171.

MUNDURUKU, D. **O Banquete dos deuses:** conversa sobre a origem e a cultura brasileira. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, R L. **Mais que letrar, é urgente enleiturar.** In: PEREIRA, Áurea da Silva, DIAS, Ana Regina da Silva, ALMEIDA, Risonete Lima, CORREIA, Adilson da Silva. *Estágio e Prática Pedagógica: letramentos e tecnologias digitais na sala de aula* (orgs). Curitiba: CRV, 2016.

OLIVEIRA, R L. **O Sujeito-Leitor.** 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/8743504/Sujeito_Leitor Acesso em 25 jul. 2023.

PERLIN, G. T. T. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, Adriana da Silva. LOPES, MAURA Corcini (Org.) *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

ROSA, F.S.; KLEIN. M. **O que sinalizam os professores surdo sobre a literatura em livros digitais.** In: KARNOPP, L. B.; KLEIN. M.; LAZZARIN. M. L. L.(org.). *Cultura Surda na Contemporaneidade e Negociações, Intercorrências e Provocações*. Canoas: Ulbra, 2011, p.91- 112.

SILVA, G. M. da. **PARÂMETROS DA LIBRAS.** UFMG, 2011, p. 9. Disponível

em:

<http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/documentos/eventos/dialogosdeinclusao/Parametros_da_Libras.pdf> Acesso em 20/11/2021.

SILVA, M. L. de. **A criança surda como contadora de histórias.** VII Congresso Internacional de Educação (2017). Educação humanizadora: valorizando a vida na sociedade contemporânea.

SILVA, M B C. **Arte de contar histórias:** a voz, o canto, o ritmo, o estudo no percurso da história contada. In: Revista Faeeba. Ano 7, n. 1 (jan/jun, 1998) Salvador-UNEB, 1998. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/258>

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos.** Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobra a cultura surda.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

SILVA, W S; ROSA, F; KARNOPP, L. **Patinho Surdo.** In: [#CasaLibras](#). [Conto publicado em vídeo, 11m54s]. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/5fG-xm493l4> Acesso em: 12/06/2022.